

CNI quer desvalorização maior do real

Representantes da indústria já pensam em melhores condições para competir no exterior para compensar o freio ao consumo no país

Flávio Ilha

Da equipe do **Correio**

Uma desvalorização de pelo menos 9% do real frente ao dólar no próximo ano. Isso é o que quer o setor industrial brasileiro para enfrentar a alta de juros e a perspectiva de recessão nos primeiros meses de 1998, impostas pelo pacote fiscal anunciado em novembro pelo governo. Este ano, o real deverá ser desvalorizado 7,4% frente ao dólar.

É uma velocidade considerada tímida demais pelos dirigentes industriais.

O presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), senador Fernando Bezerra (PMDB-RN), deixou claro que, na eventualidade de uma manutenção das atuais taxas de juros, a saída da indústria será competir no mercado externo. Por isso o nível de desvalorização é importante, já que com o real valendo menos fica mais fácil exportar. "Aceitamos por muito tempo o sacrifício da artificialidade cambial, que foi fundamental para a estabilidade", resumiu.

A análise foi feita ontem durante balanço anual da CNI. Bezerra sustentou que a crise das economias asiáticas tornou ainda mais dramática a situação cambial. Para ele, a desvalorização das moedas da Coreia do Sul, Tailândia, Indonésia, Cingapura, Japão, Malásia e Filipinas aumentou a competitividade desses países no mercado europeu e diminuiu ainda mais o poder de barganha do produto brasileiro no exterior.

Em 1997, o real deve ser desvalorizado em cerca de 7,4% frente ao dólar. Mas, se forem consideradas as variações de preços no Brasil e Estados Unidos, a desvalorização real da moeda brasileira frente ao dólar cai a 2,5%. "Sabemos que é delicado mudar, mas a política cambial já é flexível o suficiente para ganhar mais velocidade no próximo ano", sustentou.

A previsão da CNI para 1998 é de um crescimento variando de zero a

1% na produção industrial e de 1% a 2% no Produto Interno Bruto (PIB). Em função disso, Bezerra considerou "simbólica" a redução de juros que será anunciada hoje pelo Banco Central (BC). "Espero que a equipe econômica saiba o que está fazendo", criticou.

O estrago causado pela alta nas taxas de juros foi fartamente ilustrado pelas previsões da Unidade de Política Econômica da CNI. Além de crescimento próximo de zero, o déficit em conta corrente (entrada menos saída de dólar) deve ter uma queda muito pequena, assim como os déficits públicos nominal e operacional.

Um dos objetivos do pacote fiscal anunciado pelo governo em novembro era justamente cortar pela metade os déficits da União. Bezerra definiu as previsões para o próximo ano como "moderadamente otimistas", desde que superadas as dificuldades externas.

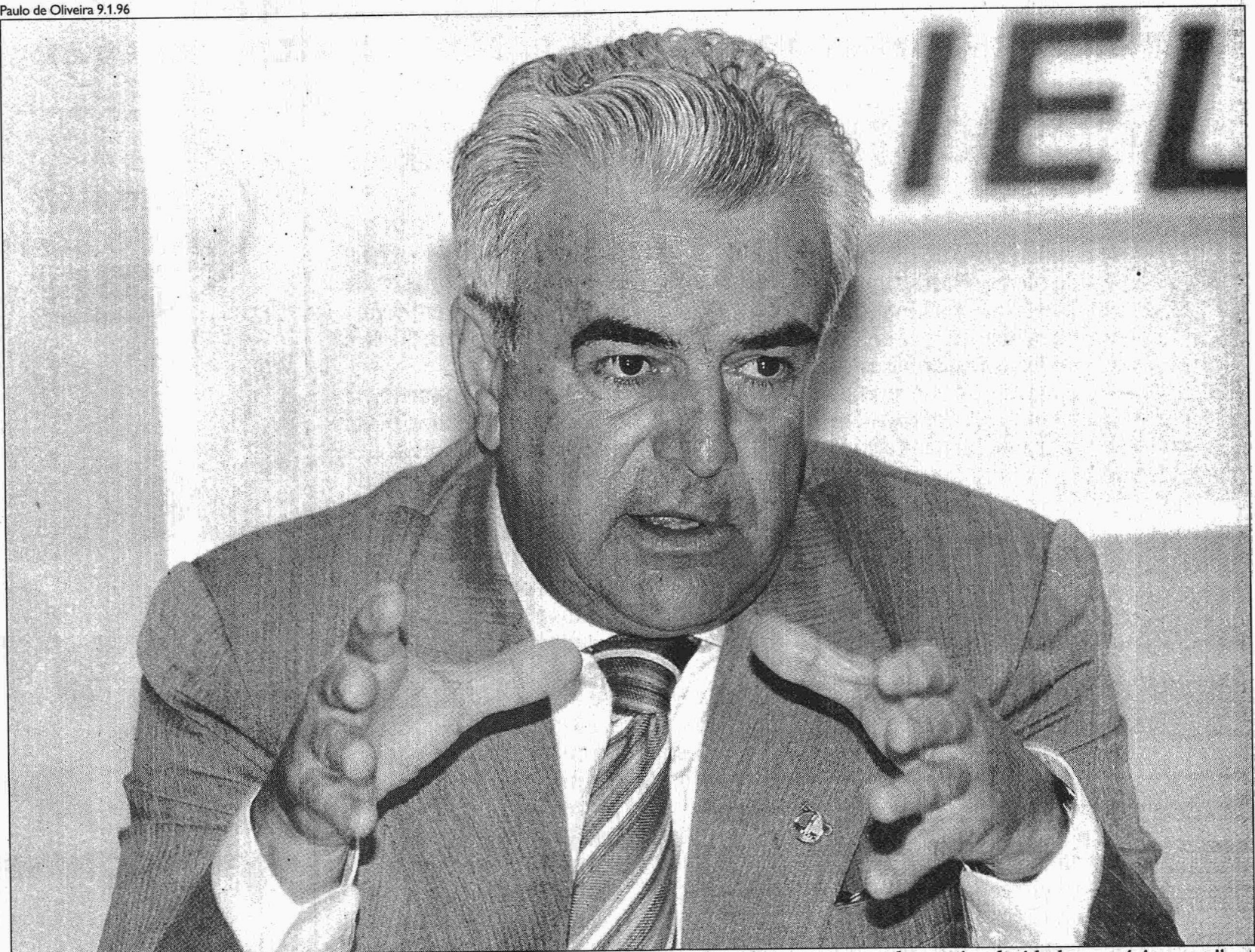
EMPREGO

De boas notícias restaram apenas a perspectiva de uma inflação

PREVISÕES

Inflação	3% a 4%
Produção industrial	0% a 1%
PIB	1% a 2%
Taxa de investimento	17%
Exportações	US\$ 60 bilhões
Importações	US\$ 65 bilhões
Déficit em conta corrente	4%
Déficit público nominal	4,5%
Déficit público operacional	3%
Superávit público primário	2%
Taxa nominal de juros	27% (anual)
Taxa real de juros	21% (anual)

Paulo de Oliveira 9.1.96



Bezerra: "Sabemos que é delicado mudar, mas a política cambial já é flexível o suficiente para ganhar mais velocidade no próximo ano"

ainda mais baixa em 1998 e um aumento das exportações, que segundo a CNI devem bater em US\$ 60 bilhões no próximo ano. Mesmo assim, o déficit comercial ainda deve se situar na faixa dos US\$ 5 bilhões.

Outro fator positivo é a manutenção dos investimentos em torno dos 17% do PIB. Segundo o economista José Guilherme dos Reis, coordenador da Unidade de Política Econômica da CNI, o segmento externo não se mostrou suscetível à crise global e deve continuar

bancando as privatizações em 1998. A conta, segundo José Guilherme, deve subir dos atuais R\$ 17 bilhões para R\$ 20 bilhões no próximo ano.

Por isso, o economista acha que há espaço para uma desvalorização cambial entre 8,5% e 9% em 1998. Outro fator que deve impulsionar um ritmo mais forte na política cambial é a perspectiva de manutenção da taxa de juros em patamares de 27% ao ano. A desvalorização será possível também em função do desaquecimento da eco-

nomia e da política fiscal mais sólida, definida pelo pacote de novembro. "Ampliar a flexibilidade do câmbio então não seria incompatível com a lógica da estabilização", argumentou.

A análise da CNI voltou a prever uma redução drástica no nível de emprego. A tendência é de incremento na taxa de desocupação da indústria, que ficará em torno dos 4% em 1997. Junto com o emprego caem também as horas trabalhadas, reflexo da maior produtividade do setor industrial. "Essa é uma

tendência verificada em toda a década", esclareceu Bezerra.

O presidente da CNI voltou a defender a flexibilização das relações trabalhistas como forma de aumentar a geração de empregos pelo setor produtivo.

Segundo ele, o País tem necessidade de gerar 1,2 milhão de empregos por ano e para isso precisaria crescer a um ritmo de 5%. Bezerra defendeu a aprovação de projeto do governo, que tramita no Senado, criando o contrato temporário de trabalho.